

COLÓQUIO “ARTES DA FALA”

Realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de Junho, em Portel, e por iniciativa da Oficina de Património da Câmara Municipal de Portel e do Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa (CTPP), o Colóquio *Artes da Fala*. Foram responsáveis pela organização Paulo Lima e Jorge Freitas Branco, representando, respectivamente, as instituições referidas, sendo a coordenação científica assegurada por Manuel Viegas Guerreiro (CTPP).

O objectivo da organização foi o de proporcionar um espaço para “perspectivar a literatura popular e o uso da oralidade numa abordagem antropológica”, proposta que se inscreve no volume de textos de *No jardim do mundo* (publicado durante o colóquio com um CD — antologia de textos rezados e cantados em que se encontra o registo de diferentes formas de versificação utilizadas no Sul — e um volume de imagens — fotografias de Augusto Brázio, responsável pelo suporte fotográfico do projecto *Vivo no Jardim do Mundo*, da Oficina de Património da C.M.P., de que o texto de Paulo Lima, adiante resumido, é componente — com o mesmo título).

Em “Povo e cultura”, Manuel Viegas Guerreiro defende a utilização de um conceito antropológico de cultura, que permite, ao definir-se esta última, e abrangentemente, como “a herança social”, relativizar a noção de uma superioridade da aprendizagem cultural dependente da escrita e da escolaridade.

Em “A literatura popular entre o oral e o escrito”, Maria de Fátima Sá propõe a consideração de um espaço de intertextualidade entre o oral e o escrito na literatura popular, substituindo uma oposição que se revelaria redutora na apreciação, nomeadamente, de algumas décimas do Sul de Portugal, definidas como um produto híbrido, entre o oral e o escrito, convidando a hipótese provável de uma origem letrada de composições que circulam tanto oralmente como em folhetos de cordel à interrogação dos processos pelos quais a oralidade e a escrita se conjugam, de forma contrastada mas não opositiva, na construção do registo e transmissão de uma memória social de que as décimas são lugar.

O texto, de Paulo Lima, “Artes da fala: sobre produtores e (re)utilizadores de textos em verso circulando a Sul do Rio Tejo” desenvolve-se em torno de três vertentes principais. Na primeira, aponta-se a fragilidade de noções como “poesia” ou “poeta popular”, já que assentam, algumas das reflexões sobre estas questões em dicotomias, como oral/escrito e popular/erudito que neutralizam a interpenetração de ambos os pólos. A vulgarização da imprensa e a importância do *colportage* — que revela o acesso à escrita —, bem como a circulação de informação, ideias e gostos motivada pela mobilidade e comunicação das populações, são os elementos que permitem o entendimento de um espaço não isolado culturalmente, noção espelhada, por exemplo, na presença de formas versificadas como a décima — que toma no Sul o nome de *quadra* — em territórios diferentes e afastados. Se o termo “popular” — aqui designado “textos de grande circulação” — se constrói equivocadamente por oposição à qualificação “erudito”, também é recorrente a utilização de um aparato conceptual desajustado ao tipo de textos aqui tratados, baseado na análise da “criação poética”, que não cobre toda a utilização de composições versificadas. No que diz respeito à *quadra* do Sul, propõe-se pois a construção de um modelo que, excedendo as aproximações histórico-literárias, possa incidir fundamentalmente no universo cultural dos seus produtores e (re)utilizadores, detentores dos seus significados.

Numa segunda vertente, traça-se o percurso histórico de introdução, vulgarização e utilizações diferenciadas da décima no Sul de Portugal. Partindo da análise e comparação de textos e da inventariação de uma “poética do popular”, procura aceder-se aos modos de construção de textos versificados pelos seus utilizadores, por uma lado, e, por outro, à detecção das origens dessa poética

no Sul, o que permite notar influências culturais que aí convergem: uma arte de versificação galego-portuguesa; o “Siglo de Oro” espanhol; Lisboa (como centro impressor e com o fado tal como é entendido a partir da 2ª metade de oitocentos); uma origem local e regional e finalmente a possível influência da presença de escravos negros e asiáticos.

Como terceiro núcleo de questões, e partindo de uma divisão entre “poetas de local” (produtores e (re)utilizadores de textos iletrados ou pouco letrados, conhecidos localmente e/ou vagamente recordados nos lugares onde trabalharam, podem vender ou ceder textos a elementos do grupo seguinte) e “poetas de área” (comerciantes de folhas impressas, conhecidos num espaço mais vasto, quase sempre autores e editores do que vendem; participantes também de trabalhos agrícolas sazonais, são geralmente não especializados), destacam-se os seguintes pontos: a) a análise dos percursos dos vendedores de feira revela uma noção de divisão territorial entre o Alto e o Baixo Alentejo que vai para além dos limites geográficos e a mobilidade que os caracteriza oferece-lhes um papel fundamental como agentes da “modernidade”, na qualidade de divulgadores de informação recente, mais relevante do que procura a manutenção de elementos tradicionais; b) partindo da construção de mapas genealógicos de “produtores e (re)utilizadores de textos em verso popularizados”, procura-se definir os grupos sociais que os integram — unicamente o grupo populacional aqui definido como os “sem-terra” — e os contextos — maioritariamente rurais; c) sobrepondo informação acerca dos momentos de aprendizagem das formas de versificação e os ciclos biográficos e laborais, denota-se o papel do recurso e essa aprendizagem como forma de socialização e integração nas redes laborais e lúdicas; d) procura encontrar-se, no âmbito das redes familiares, os modos recorrentes de transmissão do conhecimento da construção dos textos, revelando este procedimento uma distribuição do património familiar, diferenciada consoante os lugares ocupados por cada indivíduo no grupo familiar e espaço territorial em questão (no Alto Alentejo faz-se referência ao lado materno, e no Baixo Alentejo, ao lado paterno); e) regista-se a posição na hierarquia económica e social dos elementos recrutados para produzirem e/ou (re)utilizarem textos: ou têm um lugar no topo desta hierarquia, ou, pelo contrário, ocupam o lugar oposto da escala — são normalmente estes os vendedores de feira, muitas vezes ligados a redes de prostituição —, diferença que se irá reflectir ao nível do conteúdo dos textos.

Comunicações

Sessão-moderador: Prof. Dr. Jorge de Freitas Branco

Abertura do colóquio pelas entidades oficiais:

Dr. António José Monteiro Vidigal Amaro (Presidente da C.M.P.)

Dra. Ana Maria de Mira Borges (Delegada Regional de Évora do Ministério da Cultura)

– Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro (CTPP, Universidade de Lisboa)

Literatura e literatura popular? Casos exemplares

Afirma-se a existência de apenas uma literatura, recusando uma divisão que atribuiria à literatura popular — qualificação que serviria para lhe fixar a origem (o povo, o vulgo) — uma qualidade inferior ou a conotaria como uma “filha degradada” ou sub-espécie da literatura culta. Esta concepção espelhar-se-ia na ausência da literatura do povo nas selectas literárias e manuais escolares ou no sub-aproveitamento que dela se faz relativamente à matéria educativa que contém. A chave da compreensão desta situação, encontra-a o autor numa excessiva valorização da escrita que a eleva a lugar de arte, ciência e verdade, à noção paralela de uma povo inculto e a uma submissão de gerações ao controle político de um Estado sucessivamente constitucional, republicano e totalitário. O autor propõe um nivelamento das duas literaturas, encontrando nelas processos de criação poética idêntico, e o abandono de uma visão hierárquica do par criação popular-criação erudita.

– Prof. Dr. Pedro Prista Monteiro (ISCTE, Lisboa).

Fora de palavras: algumas considerações sobre a arte da fala

(Sem acesso ao resumo da comunicação).

– Ana Teresa Sousa (Centro de Estudos de Antropologia Social/ISCTE, Lisboa).

Vida, obra e espólio de J. A. Pombinho Júnior — notas acerca de um trabalho em curso.

Para além da apresentação de algumas notas bio-bibliográficas acerca do autor estudado, apresenta-se uma polémica em que o último esteve envolvido que pode permitir perceber as linhas de investigação seguidas no seu trabalho etnográfico e lexicográfico, sendo neste último nítida a presença de uma perspectiva essencialmente sincrónica que relega para segundo plano uma abordagem etimológica. A proposta básica orienta-se em três vectores complementares: o de explorar o espólio

do autor, procurando nele encontrar elementos que possam enquadrar Pombinho Júnior numa rede de relações sociais, políticas e intelectuais; partindo da análise do material inédito e do seu confronto com a bibliografia publicada, importa ver o modo como decorre o processo de realização dos trabalhos e se forma o espectro de interesses, finalmente, e tendo em conta os dois anteriores grupos de questões, importa situar o autor no contexto de produção intelectual em que se inseriu, usualmente caracterizado pelo seu *amadorismo*, contribuindo para uma reavaliação desse atributo e para uma questionamento dos conteúdos que preenchem a categoria de *etnografia*.

2º Sessão-moderador: Dr. Júlio Brancas.

– Dr. J. Rabaça Gaspar (Beja).

As décimas – a sua originalidade lusa.

O autor defende que as “DÉCIMAS são, podem ser, uma forma de EXPRESSÃO POÉTICA essencialmente ORAL e POPULAR” e “nitidamente LUSA do Sul de Portugal”. Sugere ainda uma “possível vertente mágica” das décimas, lançando algumas pistas “para as possíveis origens e possíveis SENTIDOS OCULTOS como o da CRUZ CIRCULAR, que é possível detectar tanto na forma, como na concepção mental elaborada por pessoas que não sabem escrever ou as improvisam sem as escrever...”. Admite “a hipótese de ter esta tradição oral, até por ser essencialmente oral, uma nítida ligação com os segredos e sabedoria ancestral transmitidos pela Cabala.”

– Dr. J. M. Monarca Pinheiro (Jornal Terras do Cante, Alcáçovas).

Amor e erotismo nalgumas décimas tradicionais do Alentejo – interpretação antropológica.

Análise descritiva de “textos poéticos orais/escritos” (relacionados com os temas enunciados no título) que “revelam comportamentos sociais que caem no âmbito da tradição podendo ser interpretados do ponto de vista antropológico”. Para além desta equação sugerida entre *tradição e perspectiva antropológica* (?), o autor defende ainda a noção de um “poder oracular” ligado à *poesia oral/escrita tradicional*; assim, “os poetas são, de alguma forma, profetas (...) enquanto vozes do povo (...) pois ao interpretarem o pulsar da vida relacional da sua comunidade auto-descobrimo-se mostram-se também como (...) indicadores de caminho, ou ainda como personagem de personagens num teatro-vida que alerta para as regras e desregras do viver em comum ou para os modos de ser e dever ser de cada um no todo.”

3º Sessão-moderador: Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro.

– Dra. Aliete Galhoz (CTPP, Universidade de Lisboa).

Mais algumas notas sobre o romance Lázaro e o Rico - testemunhos alentejanos.

Trata-se da tradição popular, enversada, da parábola novotestamentária “O Rico Avarento” (Lucas, 16-19-31). Tema recorrentemente explorado na Idade Média, persiste, por exemplo, na memória pan-europeia, nas baladas e romance de várias vertentes culturais: cita-se a anglo-saxónica (“Lazarus and Dives”), a francesa (“Le mauvais riche”), e a Ibérica (“Lázaro y el rico”/S. Lázaro). Salienta-se que em todos os enversamentos, de todas as vertentes, tem função petitoria de esmola. Estudam-se dois afloramentos peninsulares e aponta-se a ressurgência do tema num outro género de enversamento, a quadra glosada em décimas, característica do Alentejo e da beira serra algarvia. (Resumo da Autora).

– Doutor José Manuel Pedrosa (Centro de Estudios Históricos Menéndez Pidal, Madrid)

Canción tradicional y magia.

(Sem acesso ao resumo da comunicação).

– Dra. Manuela Barros Ferreira (Centro de Linguística, Universidade de Lisboa).

Era não era - personagem de um anfiguri popular.

(Sem acesso ao resumo da comunicação).

– Dra. Maria Mantero Morais (CEAS, Lisboa).

Para além do discurso: identidades femininas numa freguesia do concelho de Portel.

Apresentação de notas de trabalho de campo realizado pela autora numa freguesia de Portel. Construção de um quadro descritivo no qual se apercebem as linhas que estruturam as relações dentro de um grupo de mulheres, no qual se insere a autora, linhas que se relacionam com processos de solidariedade e permitem ver uma ocupação de espaços no contexto da freguesia. A autora privilegia na sua abordagem a relação que manteve com as mulheres, relativizando o papel de observadora à luz do seu relacionamento e identificação com o grupo e com os seus elementos.

4º Sessão-moderador: Prof. Dr. Jorge Freitas Branco

– Grupo de Arronches

Memórias de outros tempos - uma experiência

Ao mesmo tempo que se noticia a actividade do grupo, elabora-se um discurso em defesa do interesse pela recolha das *tradições populares*.

– Manuel João da Silva (C. M. Santiago de Cacém)

Breve história da poesia popular nos meios rurais dos concelhos do litoral alentejano

Para além da *história da poesia popular* no contexto indicado, relata-se essencialmente alguns dados da *história da actividade de recolha de poesia popular* seguida pelo autor e pela instituição que representa. Particularmente, dá-se conta das dificuldades de compreensão da terminologia empregue pelos artistas da fala, dificuldades essas relacionadas com a mediação imposta por uma arquitectura conceptual caracterizada como “inadequada” à poesia popular.

5ª Sessão-moderador: Prof. Dr. Brian O’Neill

– Prof. Robert Rowland (ISCTE, Lisboa)

Cantadores do Noroeste brasileiro

Baseando-se em material recolhido durante viagens ao Nordeste em 1965 e 1973, Robert Rowland fez uma apresentação sucinta das tradições de poesia oral dessa região. Iniciou enumerando fontes literárias impressas, portuguesas e espanholas, da literatura de cordel tradicional (História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, Donzela Teodora, Robert do Diabo, etc.), explicando em seguida que esses temas tradicionais têm vindo a construir uma proporção cada vez menos significativa de uma florescente actividade editorial de âmbito popular. Relacionou, em seguida, o crescimento dessa actividade com a multiplicação da sua principal forma de difusão, os *cantadores de viola*, que recitam romances de cordel mas também cantam versos de improviso, geralmente sob a forma de desafio. A sua profissionalização tem vindo, desde pelo menos os anos 50, a ser acompanhada por uma proliferação de novas fórmulas métricas, e nalguns casos pela apropriação de novos meios de difusão (rádios locais, discos). Depois de ilustrar a sua síntese com fotografias de folhetos de cordel e de cantadores, e com gravações efectuadas nos anos 50 e 60, concluiu levantando algumas questões a respeito do sentido que poderia ter o termo “literatura popular” aplicado a esta tradição. (Resumo do Autor).

– Dr. Paulo Raposo (ISCTE, Lisboa)

Um olhar antropológico sobre as artes verbais e as expressões performativas: repensar a oralidade.

A problematização em torno de alguns aspectos de relação entre “teoria da cultura” e “cultura popular”, nomeadamente no que diz respeito à construção histórica das categorias de cultura e de popular, servem de quadro de referência ao questionamento das “artes verbais”, das “expressões performativas” e da “oralidade” (elementos integrantes na composição de algumas dicotomias patentes nos modelos culturais) que surgem, por sua vez, como objectivo a ser repensado na avaliação etnográfica e na interpretação antropológica. O percurso histórico descrito aponta para uma preponderância de “figurinos dicotomizados” nas formulações várias da teoria da cultura, modelos esses postos sob interrogação na era da “mundialização”, em que ganha visibilidade o carácter plástico das fronteiras entre subculturas e se repensa a articulação global/local e centros/periferias.

– António Modesto Navarro.

Poetas populares alentejanos - uma experiência em meados da década de 70.

Apresentação de algumas das condicionantes relativas à elaboração do livro *Poetas Populares Alentejanos*. Tendo sido o trabalho de recolha (1976-1977) realizado para a Secretaria de Estado da Cultura, apenas em 1980 pode ser publicado, sofrendo primeiro uma tentativa de interrupção por parte da mesma instituição e, depois, uma redução de dois terços do material reunido, devido à “magra dotação (orçamental) concedida”. O autor compara assim o papel e interesse dos Poderes Local e Central relativamente “ao levantamento e projecção da criatividade popular”.

Lançamentos:

– *No jardim do mundo*. C.D. Ed. da C.M. de Portel.

No jardim do mundo. Imagens. Idem. Fotografias de Augusto Brázio.

No jardim do mundo. Textos. Idem. Texto de Manuel Viegas Guerreiro, Maria Fátima Sá e Paulo Lima.

– Pinheiro, J. M. Monarca, *Em cada casa uma porta, em cada porta um postigo...* Ed. da Associação Terras de Dentro.

– *Revista Lusitana* (Nova Série), 13-14 (1995). Publicação das actas do colóquio “Retratos do País”.

Espectáculos:

Cante às vozes:

Grupo Coral Ceifeiros de Cuba

Grupo Coral do Sindicato dos Mineiros de Aljustrel

Cante do baldão:

Organizado por António Bernardo, de Aldeia das Amoreiras (Odemira).

Patrocínios:

Ministério da Cultura - Delegação Regional do Alentejo

Câmara Municipal de Beja

Câmara Municipal de Aljustrel

Câmara Municipal de Sines

Junta de Freguesia de Portel

Caixa Geral de Depósitos

Edições Colibri

Ana Teresa Sousa